

NOTA DE ABERTURA

O terceiro número da REVELAR sai com a mesma urgência dos números anteriores, a de questionar e discutir a fotografia, mas com uma redobrada necessidade de chamar a atenção para a utilização da imagem no tempo presente. Das paredes do bairro vermelho de Amsterdão, onde cartazes com a expressão «No fucking Photos!» nos chamam à razão, ao grito do «No photos, please!» das salas dos Museus, quanto da fotografia é hoje registo? Muito pouco, parece. Voyeurismo, agressão, disfarce, ilusão — coisas que a imagem sempre foi, mas que a imagem fotográfica na era do digital parece ampliar a escalas inimagináveis.

Por isso, o mote para esta edição foi o de propor o retrato enquanto representação ou meio/mensagem para comunicar/firmar a verdade.

Enquanto fragmento de memória e testemunho que as Artes veiculam, da pintura à escultura, o retrato sempre se associou aos conceitos e ideias de semelhança, materialidade, presença, frequentemente configurando ordem. Do resgate do esquecimento e da morte à legitimação do poder, o retrato garante a perenidade do momento no que tem de solenidade.

E o retrato fotográfico? De que forma se relaciona com esta definição ou a contradiz? Existirá uma continuidade entre o retrato convencional e a imagem contemporânea? No tempo de existência da fotografia será este um *continuum* ou uma rutura com a definição clássica de retrato? Do pictorialismo à *selfie*, poderemos contrapor à singularidade do retrato a saturação hodierna da imagem? E, admitindo tal possibilidade, que implicações éticas poderão decorrer da banalização deste gesto de captura que o retrato procura ser?

Em suma, no tempo em que o retrato exposto no museu foi o mote para o autorretrato do visitante, pensar a fotografia na sua relação com a estética e com a ética constitui, afinal, a filosofia deste número 3 da REVELAR.

A resposta ao desafio foi estimulante e, entre as diversas participações, não podemos deixar de acentuar o carácter mais pluridisciplinar que a REVELAR adquire através de estudos que, embora não versando a fotografia, dela se servem para estudar a imagem. É, pois, também desta intermedialidade metodológica que se procura fazer esta ainda nascente revista.

O editor
Nuno Resende

OPENING NOTE

The third issue of REVELAR is edited with the same urgency as the previous ones, that of questioning and discussing photography, yet drawing attention to the usages of image nowadays. From the walls of De Wallen in Amsterdam, where posters advert us to take “No fucking Photos!”, to the shouting of “No photos, please!” across Museum rooms: how much of today’s Photography can still be considered a record or document? Very few, seemingly. Voyeurism, violence, disguise, illusion — all attributes pertaining to the photographic image, amplified to unimaginable extensions through the digital era.

Therefore, this edition aims at the portrait as a representation or medium/message to communicate/establish the truth.

As a fragment of memory and testimony that the Arts convey from painting to sculpture, the portrait is associated with the concepts of similarity, materiality and presence, frequently configuring order. From the release of oblivion and death to the legitimation of power, the portrait guarantees the perpetuity of the moment with its solemnity.

But what about the photographic portrait? How does it relate to the definition above or contradicts it? Is there a continuity between the conventional portrait and the contemporary image? Is the photographic portrait a continuum in itself or does it rupture the classic notion of portraiture? From pictorialism to selfies, can we oppose today’s saturation of the image with the singularity of the portrait? And if so, what ethical implications could be derived from the trivialization of this attempt of capture that the portrait aims to be?

In times when the portrait on museum is the motto for the self-portrait of the visitor, thinking about photography in its relation to aesthetics and ethics constitutes the philosophy of this third issue of REVELAR.

The response to the challenge was stimulating and, therefore, we cannot let unmentioned the multidisciplinary character that REVELAR attained from the diverse contributions received. Albeit not versed exclusively on photography, this edition approaches photography as a mean to study image and, thus, underpinning the intermedial methodological approach expected for this still springing journal.

The editor
Nuno Resende